

Parricídio e esquizofrenia – Relato de caso

Comments about letter to the editor / Arch Clin Psychiatry. 2014;41(6):160

DOI: 10.1590/0101-60830000000036

Gustavo Bonini Castellana

Núcleo de Psiquiatria Forense e Psicologia, Departamento e Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, SP, Brasil.

O crime de parricídio, assim como outros atos violentos, nem sempre está associado a transtornos mentais. Quando existe essa correlação, esta se dá principalmente com os transtornos psicóticos.

Entre as grandes síndromes psicóticas, a esquizofrenia é considerada a mais importante, tanto pela prevalência quanto pela cronicidade dos sintomas. Outros quadros psicóticos, como os transtornos delirantes persistentes e os transtornos psicóticos agudos, têm menor associação com crimes violentos, ainda que suas prevalências sejam relevantes na população comum.

As classificações psiquiátricas mais recentes tendem a agrupar os diagnósticos em grandes categorias. Tais agrupamentos têm como objetivo aumentar a confiabilidade entre os psiquiatras, perdendo, no entanto, a especificidade do diagnóstico. A atual possibilidade do diagnóstico dimensional presente no DSM-V¹ não deixa de ser um reconhecimento da dificuldade de agrupar síndromes que cursam com fenômenos psicopatológicos singulares em cada caso isolado.

No caso relatado, o diagnóstico de esquizofrenia paranoide apresenta algumas particularidades, já que a violência contra animais e contra pessoas – apresentada pelo paciente antes do surgimento dos sintomas psicóticos – não é característica da síndrome esquizofrênica e está normalmente associada a transtornos de personalidade antissocial ou psicopatia.

No entanto, Kahlbaum descreveu, em 1885², sintomas pré-esquizofrênicos caracterizados por comportamento de oposição à família e à sociedade, com possíveis episódios de violência, semelhantes aos apresentados por psicopatas. A hebefrenia, conforme intitulou o autor, mimetiza a psicopatia, mas diferentemente do que ocorre nos transtornos da personalidade, tem evolução compatível com o diagnóstico de esquizofrenia, com sintomas positivos e negativos presentes.

O reconhecimento dessa descrição psicopatológica tem importância não só na atuação de psiquiatras forenses, mas também na clínica psiquiátrica cotidiana. A negligência com a psicopatologia clássica nos ambulatórios de psiquiatria pode levar os psiquiatras a se restringir ao uso de escalas padronizadas e análises superficiais de comportamento, deixando de observar essas nuances psicopatológicas.

O caso descrito³, sendo típico para quem atua como psiquiatra forense, é profícuo para a reflexão da relação complexa entre doença mental e violência. Além disso, seu relato é um testemunho singular da riqueza psicopatológica que contrasta com a pobreza biográfica que ainda se encontra, infelizmente, na população internada dos hospitais de custódia e tratamento no Brasil.

Referências

1. American Psychiatric Association (APA). DSM-V – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5.ed. rev. Porto Alegre: Artmed; 2014.
2. Ey H, Bernard P, Brisset C. Manual de psiquiatria. Rio de Janeiro: Ed Masson do Brasil Ltda.; 1981.
3. Moscatello R. Patricide and schizophrenia – A case report. Arch Clin Psychiatry. 2014;41(6):159.